



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



DIÁLOGOS INTERCULTURAIS E PRODUÇÃO DE PEIXES NA TERRA INDÍGENA RIO DAS COBRAS

Área temática: Tecnologia e Produção

Betina Muelbert¹; Maude Regina de Borba¹; Thiago Gabriel Luczinski¹; Renato Paulo Schultz Jr.¹; America Andrade do Nascimento¹; Alisson L. B. Menegassi¹; Lucas da Silva Lefchak¹; Gabriel A. Bezerra¹; Diego Werlang¹; Cristiano Augusto Durat¹; Marcos Weingartner¹; Jorge Erick Garcia Parra¹; Frank Belettini¹; Ilda Cornélio²

¹Universidade Federal da Fronteira Sul – Curso de Engenharia de Aquicultura, *Campus Laranjeiras do Sul*, PR; ²Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Proext/MEC

Resumo: No presente trabalho é apresentado o projeto de extensão desenvolvido na Terra Indígena Rio das Cobras (PR) durante os anos 2014/15, em que objetivou-se contribuir para retomada do consumo de peixes pelos indígenas, promover a troca de saberes e capacitar os índios, etnias Kaingang e Guarani Mbya, nas técnicas de piscicultura. Viveiros já existentes foram reformados e reativados, sendo implantado em uma das comunidades o sistema de policultivo semi-intensivo, adotando-se a densidade de 1 peixe/m², com as espécies carpa capim *Ctenopharingodon idella*, jundiá *Rhamdia quelen*, carpa húngara *Cyprinus carpio* e carpa cabeça grande *Hypophthalmichthys nobilis*. Os peixes foram criados e posteriormente consumidos pelos indígenas. Além de atividades relacionadas com o manejo dos viveiros, foram realizados cursos de formação técnica em piscicultura dirigidos à comunidade e alunos do ensino médio dos Colégios Estaduais Indígenas. Conclui-se que o desenvolvimento do trabalho agregou conhecimento à comunidade indígena sobre as práticas de cultivo de peixe em viveiros e também, de maneira ainda embrionária, contribuiu para a autonomia, com a inclusão da piscicultura como sistema produtivo e do pescado produzido na dieta das comunidades. Adicionalmente, a

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



experiência vivenciada pela equipe junto aos indígenas proporcionou intercâmbio de saberes valioso na formação profissional dos alunos e demais envolvidos no projeto.

Palavras chave. Segurança alimentar; Piscicultura; Kaingang; Guarani Mbya.

1. Introdução

Desde o início da implantação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), no ano de 2010 em Laranjeiras do Sul (PR), a comunidade acadêmica tem buscado atuar em conjunto com os povos indígenas da região na construção de projetos de extensão que possam atender as necessidades emergentes desse grupo. Em consequência desse diálogo qualificado exercido entre a comunidade externa e a universidade, foi realizada em 2010 a I Conferência de Ensino, Pesquisa e Extensão – COEPE, com fóruns temáticos discutidos com representantes da comunidade regional.

Em 2011 docentes, discentes e técnicos da UFFS juntamente com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a prefeitura Municipal de Nova Laranjeiras, organizaram o “I Seminário Qualidade de Vida na Terra Indígena Rio das Cobras”, que buscou expor projetos em que a universidade poderia contribuir, viabilizados pelos seus cursos de graduação, bem como ouvir as demandas da comunidade indígena. A problemática da segurança alimentar foi constantemente mencionada neste evento, levando a Universidade a alavancar projetos de produção de alimentos (RELATÓRIO, 2011).

O Brasil possui uma imensa diversidade étnica e linguística, estando entre as maiores do mundo com aproximadamente 220 povos indígenas. No que se refere ao estado do Paraná, são cerca de 25.875 pessoas vivendo em 32 Terras Indígenas (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). A Terra indígena Rio das Cobras é a maior comunidade indígena do estado, localiza-se no Município de Nova Laranjeiras em uma área de 18.680 ha com população estimada de 2.828 índios em 2010 (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016). Está constituída por dez comunidades nas quais habitam etnias Kaingang e Guarani Mbya: Aldeia Sede, Trevo, Vila Nova, Encruzilhada, Taquara, Água Santa, Campo do Dia, Lebre, Monjolinho e Pinhal. São também aproximadamente 1.000 estudantes em sete colégios estaduais dentro da área indígena.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



A alimentação dos índios sempre se baseou no cultivo da terra, na pesca e caça de animais. Os rios são grande fonte de alimentação e diversos peixes fazem parte da culinária indígena. Atualmente, as famílias cultivam roças para a subsistência, sendo a renda obtida em lavouras coletivas utilizada para manutenção de equipamentos agrícolas, compra de material de consumo, novos implementos agrícolas e medicamentos. Também fabricam artesanatos, como cestarias, bijuterias, esculturas em madeira, dentre outros, que em muitos casos garante renda para várias famílias.

O aumento demográfico em áreas indígenas nas últimas duas décadas, somados ao empobrecimento do solo, poluição dos rios, a diminuição dos recursos naturais, dificultam a sobrevivência destas populações. Assim, diferentes alternativas são adotadas por estes grupos, que precisam em muitos casos buscar fora de suas terras condições mínimas de sobrevivência. Com a escassez de alimentos, as famílias indígenas da região passam a viver do artesanato, comercializado nas margens da rodovia BR 277. Alguns grupos se deslocam para cidades vizinhas para vender seus artefatos. No entanto, isso tem gerado problemas para as famílias que acabam ficando longe das suas habitações e do convívio com seu grupo familiar, fazendo da atividade artesanal a única fonte de renda para suprir suas necessidades básicas de alimentação.

O grupo indígena tem uma forte ligação mítico cosmológico com as atividades de pesca nos rios e na maneira como se organizam socialmente, é nesse espaço que índios se ligam à natureza, onde se sentem índios do tempo passado, de seus ancestrais (TOMMASINO, 2002). Todavia, os indígenas diminuíram o consumo de peixe drasticamente nas últimas décadas e uma das causas se deve a redução de peixes nos rios, que na Terra Indígena Rio das Cobras tem sido atribuída a pesca indiscriminada por não índios e ao uso de agrotóxicos nas lavouras.

O presente trabalho descreve as ações realizadas pelo projeto “Aquicultura nas Terras Indígenas da Cantuquiriguaçu” desenvolvido pela UFFS com recursos financeiros do edital PROEXT 2014/15 – PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA MEC/SESu. Objetivou incluir o cultivo de peixes e contribuir para retomada do consumo de peixes na comunidade indígena, bem como promover a troca de saberes tradicionais e capacitar os índios nas técnicas atuais de piscicultura.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

2. Desenvolvimento

Diversas atividades foram realizadas na Terra indígena Rio das Cobras, município de Nova Laranjeiras (PR) ao longo de 2014 e 2015. A composição da equipe, de caráter interdisciplinar, envolveu professores das áreas de História, Antropologia, Sociologia e Agrárias em conjunto com técnicos e acadêmicos do curso de Engenharia de Aquicultura, do Programa da Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável e membros de instituições parceiras, como a Funai, Associação Comunitária Indígena Rio das Cobras e o Núcleo de Estudos em Aquicultura com enfoque agroecológico da UFFS. A aproximação com a comunidade se deu por meio das lideranças locais e diversas reuniões com a comunidade para apresentação do projeto e acolhimento de sugestões.

Para o cultivo de peixes, viveiros já existentes foram adequados e reativados. Na comunidade Sede (etnia Kaingang) foi implantado um sistema de policultivo semi-intensivo, com densidade de 1 peixe/m² com as espécies carpa capim *Ctenopharingodon idella*, jundiá *Rhamdia quelen*, carpa húngara *Cyprinus carpio* e carpa cabeça grande *Hypophthalmichthys nobilis* (Figura 1). Uma placa informativa com os dados do viveiro de cultivo e nome do projeto em português, kaingang e guarani foi afixada com intuito didático (Figura 2). No viveiro escavado da comunidade Lebre (etnia Guarani Mbya), foram instalados dois tanques-rede de 1,5 m³ estocados com 300 jundiás/tanque-rede (figura 3). A alimentação dos peixes foi a base de ração comercial com fornecimento diário executado pelos indígenas. Foram realizadas biometrias para avaliação do crescimento dos peixes e ajustes da taxa de arraçoamento. A concentração de oxigênio dissolvido e demais parâmetros de qualidade e água dos viveiros (temperatura, amônia, pH, dureza e transparência) foram monitorados com auxílio de oxímetro, kit de análise de água e disco de Secchi. A medida que os peixes atingiram um tamanho adequado foram despescados e consumidos pela comunidade (Figura 4).

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Fig. 1 – Adequação da estrutura de drenagem do viveiro para cultivo de peixes na comunidade Sede.



Fig.2 – Placa contendo informações do viveiro com nome do projeto em português, kaingang e guarani.



Fig. 3 – Alimentação dos peixes estocados em dois tanques-rede do viveiro da comunidade Lebre.



Fig. 4 – Despesca de peixes com rede de arrasto no viveiro da comunidade Sede.

Além de atividades relacionadas com o manejo dos viveiros, foram realizados cursos de formação dirigidos à comunidade e alunos do ensino médio dos Colégios Estaduais Indígenas Rio das Cobras e Prof. Candoca Tãnhprág Fidêncio. O planejamento e execução destas aulas envolveu acadêmicos do curso de graduação em Engenharia de Aquicultura orientados por professores. O curso foi estruturado em em 8 módulos de 40

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



horas teórico-práticas que abordaram temas básicos de piscicultura como qualidade de água, nutrição e boas práticas de manejo. Aulas práticas foram realizadas junto aos viveiros nas comunidades (Figuras 5 e 6).



Fig. 5 – Curso de formação em Piscicultura para alunos ensino médio.



Fig. 6 – Curso de formação em Piscicultura para alunos ensino médio.

Com intuito de aproximar os envolvidos no projeto e promover trocas de saberes, foram organizadas reuniões, visitas, palestras para a comunidade acadêmica e regional (Figuras 7 a 10). Foram promovidas integrações com acadêmicos indígenas do curso Interdisciplinar em Educação do Campo por meio oficinas de língua Kaingang e de discussão sobre práticas alimentares. A equipe se reuniu quinzenalmente para planejamento das atividades do projeto e realização de estudos dirigidos, leituras e discussões de artigos.



Fig. 7 – Reunião de discussão do andamento do projeto com lideranças e técnico da Funai.



Fig. 8 – Reunião de discussão do andamento do projeto com com lideranças e comunidade.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Fig. 9 – Visita dos alunos do curso de formação à UFFS – laboratório de Piscicultura.



Fig. 10 – Distribuição dos peixes despescados na comunidade Sede.

O diálogo ocorreu em todos os momentos, inclusive nas despescas que foi definido com as lideranças como se daria a distribuição dos peixes, com o objetivo de fomentar o consumo na comunidade.

Algumas mudanças e dificuldades ocorreram no decorrer do projeto. Houve alteração no cronograma com a prorrogação da adequação dos viveiros resultando na demora na estocagem dos alevinos para início do cultivo. Para a adequação dos viveiros não foi possível contar com o apoio de máquinas de algumas instituições parceiras e as condições dos viveiros demandaram um esforço maior que o planejado. A logística de transporte dos alunos bolsistas para a Terra Indígena em diversos momentos foi prejudicada devido aos horários de aulas e indisponibilidade de professores para o acompanhamento. Também, não foi possível mobilizar o número de indígenas previstos para as capacitações nos diversos módulos do curso. A convocação para participação partia das lideranças e diretores das escolas e este número foi menor que o esperado.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



3. Conclusão

O desenvolvimento deste trabalho junto aos povos da TI Rio das Cobras agregou conhecimento à comunidade indígena sobre as práticas de cultivo de peixe em viveiros junto à duas etnias Kaingang e Guarani Mbya. Também, de maneira ainda embrionária, contribuiu para a autonomia, com a inclusão da piscicultura como sistema produtivo e do pescado produzido na dieta das comunidades.

Por outro lado, a equipe executora vivenciou e ampliou o campo de conhecimento sobre as populações indígenas, por meio de momentos de capacitação dialógica sobre os conhecimentos milenares do consumo de peixe em sua dieta alimentar. A experiência vivenciada pela equipe junto aos indígenas proporcionou um diálogo e as práticas oriundas desse intercâmbio de saberes contribuíram na formação profissional dos alunos envolvidos no projeto. A valorização destes saberes e o diálogo intercultural exercido pelos sujeitos envolvidos no projeto, incentivou a ampliação do projeto para um programa envolvendo mais uma terra indígena no biênio 2015/2016.

É importante destacar que uma das lideranças indígenas participou do processo seletivo e está cursando o mestrado do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Laranjeiras do Sul. Como já mencionado, o projeto foi ampliado e a sua continuidade viabilizada por meio do Programa de Extensão aprovado no edital Proext 2015, que busca contribuir para a autonomia dos povos indígenas na questão da segurança alimentar e nutricional

4. Referências

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/286>. Acesso em: 25 fev. 2016.

RELATÓRIO do I Seminário “Qualidade de vida na Terra Indígena Rio das Cobras”. Coordenador: Cristiano Augusto Durat. UFFS: Laranjeiras do Sul, 2011.

TOMMASINO, K. A Ecologia dos Kaingang da Bacia do Rio Tibagi. IN: MEDRI, M. E.(et. al). A Bacia do Rio Tibagi. Londrina: M.E. Medri, 2002.

ISBN: 978-85-93416-00-2

